

RESENHAGiovanna Manfrinato Vicente Galelli (Unifal-MG)¹

BORTONI-RICARDO, Stella Maris [et al.] (orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 256 páginas.

O livro “Por que a escola não ensina gramática assim?”, publicado pela primeira vez no ano de 2014 pela Parábola Editorial, foi organizado e escrito por diversas professoras-pesquisadoras na área de linguística e suas vertentes ensino de língua, entre elas: Maria Cecília Mollica, Stela Maris Bortoni-Ricardo, Rosineide Magalhães de Sousa, Veruska Ribeiro Machado, Francisca Cordelia Oliveira da Silva, Scheyla Brito Alves, Caroline Rodrigues Cardoso, Paula Cobucci, Luzineth Rodrigues Martins, Ana Aparecida Vieira de Moura, Marcia Elizabeth Bortone, Vera Aparecida de Lucas Freitas, Maria Alice Fernandes de Sousa, Rosário Rocha, Cátia Martins, Ana Dilma de Almeida Pereira, Cláudia Heloisa Schmeiske da Silva, Marli Vieira Lins de Assis e Cláudia Roncarati, a qual se encontrava em estágio terminal de câncer e foi homenageada na dedicatória dessa obra.

Organizado em nove capítulos, propõe uma grande reflexão e discussão sobre temáticas trabalhadas no ensino de gramática no Brasil. Visa explicar a necessidade de ensinar gramática e de como ensiná-la por meio dos usos reais da Língua Portuguesa. Além disso, a obra apresenta formas de como abordar essas temáticas durante as aulas a fim de que os alunos entendam e façam uso do aprendizado adquirido. No prefácio, a autora responsável pelo capítulo explica que o objetivo do livro é contribuir para a formação de professores por meio de uma pedagogia simples pautada no Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

¹ Acadêmica do curso de Letras- habilitação português na Universidade Federal de Alfenas. e-mail: galelli.giovanna@outlook.com

compreendendo o uso da língua e de como ela está sempre mudando, pensando na aprendizagem através de uma proposta pedagógica contemporânea.

Ainda na introdução, as autoras expõem a linha teórica e de estudo utilizada para a escrita do livro e do contexto em que foi escrito. Discutem conceitos ligados ao ensino de língua oral e escrita e propõem o trabalho com a língua em uso, algo que se aproxime mais do cotidiano dos alunos. Ressaltam que, ao longo dos nove capítulos, são descritos modos de ensinar cada temática abordada.

No primeiro capítulo, intitulado “Coesão referencial: aspectos morfossintáticos e semânticos, Rosineide Magalhães de Sousa e Veruska Ribeiro Machado explicam a coesão como elemento linguístico que fortalece as relações de sentido do texto. Abordam a diferença entre a coesão referencial e sequencial, mas tomam como base a primeira. Explicam que a coesão referencial como o próprio nome diz e fazem referência à interpretação de um elemento de outro texto, atribuindo a significação de um a outro. Por isso, as autoras ressaltam que a coesão se dá por meio de pronomes e anáforas, como também pela hiperonímia e hiponímia e mostram como trabalhar isso através de subcapítulos com exemplos didáticos e práticos. Ao final, elas destacam que o texto deve ser a unidade básica do ensino e que, sem ele, é praticamente impossível ensinar os aspectos da língua aos alunos e que ele deve ser trabalhado em seus diferentes gêneros de forma coletiva, sempre incentivando a criticidade do aluno diante do que está aprendendo.

Já no segundo capítulo, chamado de “A topicalização e outros deslocamentos: aspectos morfossintáticos e semânticos”, as autoras Francisca Cordelia Oliveira da Silva e Scheyla Brito Alves abordam a grande dificuldade que os alunos enfrentam ao se depararem com a escrita de textos e a recorrência do uso de topicalização em seus textos, algo considerado errado diante da gramática normativa. E assim utilizam alguns teóricos para discutir sobre o tema, ressaltando que os alunos precisam saber as diferentes possibilidades do uso de sua própria

língua por meio desses deslocamentos que desenvolvem um maior domínio sobre a língua nas mais diversas atividades interativas que os falantes passam. Uma maneira interessante de se fazer isso é por meio da reescrita de trechos utilizando esses recursos.

Seguindo para o terceiro capítulo, temos como tema “Concordância de Número no Português Brasileiro”, escrito por Caroline Rodrigues Cardoso e Paula Cobucci que abordam o grande fato de que ninguém fala do mesmo jeito em todas as situações, pois estamos sempre nos adequando e adequando a nossa fala aos contextos em que estamos. Afirma, porém, que nosso sotaque é a única coisa que não se altera naturalmente, independente do nosso contexto de fala. Afirmam que existem mecanismos, os quais aprendemos em nossas interações sociais e que nos ajudam a manter uma fala ou conversa com determinada pessoa ou grupo, ou seja, uma aula para o 6º ano deve ser ministrada de forma diferente de uma aula para alunos do 3º ano do ensino médio. Ressaltam que falar diferente não deve ser classificado como melhor ou pior. Então, introduzem a questão da concordância e da concordância de número que é algo que se está perdendo o uso durante as nossas falas e se apoiam em Bagno (2012) para defender que a concordância não é algo indispensável para o entendimento e as relações entre as pessoas por meio da língua. Com isso, abordam questões que estão envolvidas como a variação linguística, escolaridade e prestígio, analisando por meio de dados questões relacionadas também à alfabetização.

O capítulo seguinte trata das “Orações Relativas e Interrogativas: aproximação entre teoria e prática na sala de aula”, escrito por Luzineth Rodrigues Martins e Ana Aparecida Vieira de Moura. Discutem o uso dos pronomes relativos em orações relativas e como as orações interrogativas se encaixam nessa perspectiva. Analisando também como isso deve ser trabalhado na sala de aula e propondo trabalhar o assunto através do uso oral e cotidiano dos alunos como também por meio de textos escritos, ressaltam que, para que o ensino seja efetivo,

o professor não pode pensar em apenas uma forma de uso da língua, pois existem diversas formas de se explicar a língua e o processo de linguagem.

Já no quinto capítulo escrito pelas professoras Marcia Elizabeth Bortone e Scheyla Brito Alves, é discutido “O fenômeno da hipercorreção”, algo muito frequente na fala das pessoas que se preocupam de forma demasiada com o uso na norma considerada padrão. As autoras mostram que os principais casos de hipercorreção ocorrem em relação ao uso dos verbos e suas conjugações em tempos verbais como também em relação ao uso do plural em substantivos, ou seja, na concordância verbal e nominal. Uma das propostas utilizadas para solucionar esse problema dos alunos é a atividade de bingo ortográfico, além do estímulo à produção de textos escritos e orais, como também sua reescrita e estimulando o gosto pela leitura, mas sempre respeitando as diferenças linguísticas de cada um dos alunos.

Outro ponto importante é tratado no sexto capítulo escrito por Vera Aparecida de Lucas Freitas e Maria Alice Fernandes de Sousa em que se aborda o uso dos “Verbos Impessoais: variação no uso de haver, ter e fazer”. Utilizam como base da discussão a sociolinguística e teóricos como Saussure e Labov, abordando a diferença entre erro gramatical e linguístico. São apresentados exemplos práticos de como ensinar os alunos a diferenciarem o uso desses três verbos que são tão confundidos. As autoras sugerem que sejam trabalhadas canções com esses verbos, sejam de cantigas, sejam de canções nacionais do gosto dos alunos e também por meio de outros textos.

No capítulo subsequente, Rosário Rocha e Cátia Martins falam sobre o “Uso e ensino dos tempos e modos verbais em uma perspectiva sociolinguística”, Logo no início as autoras dizem que sua análise está desvinculada de um olhar abstrato da língua, que esteja desvinculado de seu uso real. Discutem a variação entre a norma padrão e os usos reais das conjugações feitas pelos falantes da língua, ressaltando que, infelizmente, a escola ainda ensina de uma forma descontextualizada, sem relação com o uso dos falantes. Explicando

cada um dos usos desses verbos que compõem o título, as pesquisadoras fazem algumas transposições didáticas, ajudando o aluno a entender dentro de textos os fenômenos que ocorrem com esses verbos, tentando alterar o sentido do texto com outros verbos, ou seja, brincando com as palavras de forma oral ou escrita.

O penúltimo capítulo, denominado “Regência Verbal”, foi escrito por Ana Dilma de Almeida Pereira, Claudia Heloisa Schmeiske da Silva e Marli Vieira Lins de Assis. As autoras afirmam que nem sempre utilizamos a gramática normativa e que está tudo bem não usar a todo momento, pois a linguagem escrita difere muito da linguagem oral. Tratam de regência verbal de algumas palavras e de casos de verbos que possuem dupla regência ou de verbos de movimento que possuem uma regência distinta. Outro assunto abordado por elas, muito recorrente no ensino de Língua Portuguesa, é o queísmo e dequeísmo. Em seguida, as autoras trazem exemplos de como trabalhar esse assunto por meio de explicações e com a utilização de textos.

Por fim, no último capítulo, “Como a escola pode explicar erros gramaticais e inovações?”, Maria Cecília Mollica e Cláudia Roncarati abordam os aspectos funcionalistas para explicar cada um dos itens já citados nos capítulos anteriores, mostrando que, através do funcionalismo, é possível que os alunos compreendam os aspectos da língua de uma maneira mais fácil e concreta. Porém, elas explicam que nem sempre será uma tarefa fácil e que, quando se trata de língua e seu ensino, não existe um lado certo ou errado, mas existem tentativas que podem levar ou não ao sucesso do ensino-aprendizagem nas aulas de língua materna.

Portanto, ao completar a leitura do livro e refletir sobre todo o conteúdo expresso nele e em todas as reflexões propostas, é possível afirmar que se trata de uma obra voltada para professores e professores em formação que carregam anseios e dúvidas sobre como trabalhar determinados temas nas aulas de Língua Portuguesa. De forma bastante explicativa, todos os

capítulos trazem um tema interessante e que é frequente no ensino-aprendizagem nas aulas. As professoras pesquisadoras, de forma leve, conseguiram propor alternativas para o ensino de gramática distanciando do modelo de gramática descrita e normativa, centrado nele mesmo. Para que o ensino de Português possa tomar diferentes vias e consiga trazer resultados positivos, porém, é sabido que o processo de ensino-aprendizagem é algo que deve ser construído aos poucos e que cada aluno tem um ritmo e afinidade com determinado processo. Dessa forma, vale atentar-se para os alunos e suas necessidades, pois o ensino-aprendizagem não possui uma fórmula mágica que irá solucionar os problemas que encontramos no meio do caminho, mas esse livro nos faz refletir para que possamos encontrar soluções viáveis à nossa realidade docente e nos leva a considerar que deveria ser leitura obrigatória em cursos de formação inicial de professores para o ensino de língua portuguesa como língua materna.